

Entre o Riso e o Esquecimento

Lourival Araújo da Silva

A construção da identidade e os sucessivos processos de identificação colocam-se no campo da Análise de Discurso Francesa, especificamente na reflexão de Michel Pêcheux, a partir dos questionamentos sobre o papel da memória e a resistência à interpelação pela ideologia dominante. Denize Maldidier (2000) destaca como Pêcheux se encaminha à psicanálise em busca de aberturas e novos horizontes, na virada do decênio de 1980. Nesse contexto a publicação de *A Língua Inatingível*, em parceria com Françoise Gadet, coloca em discussão o estatuto do discurso no interior da Lingüística. Analisando o contexto epistemológico que fundamenta essa mudança, Maldidier discorre:

(...) Michel Pêcheux se acusa de ter podido sugerir a aproximação entre a idéia filosófica do esquecimento (ou apagamento) e o conceito psicanalítico do recalque. 'Os traços inconscientes do Significante não são jamais 'apagados' ou 'esquecidos' mas trabalham sem interrupção no batimento sentido/non-sens do sujeito dividido.' É do lado da psicanálise que Michel Pêcheux procura uma abertura. (1)

O assujeitamento e a dominação impunham o questionamento sobre a reprodução da relação de subordinação entre classes:

Tratava-se então somente de lembrar que, na luta de classes, a reprodução não vai por si. Em 1978, se esboça uma relação com a questão do sujeito. 'Apreender até o fim a interpelação ideológica como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas, desfalecimentos e fendas.' A tese da interpelação ideológica permanece o fundo teórico, mas ela está, de algum modo, invertida. Não é mais no sucesso da interpelação, mas nos traços de seu obstáculo, que se toca o sujeito. Toda uma série, propriamente analítica, se estabelece na temática de Michel Pêcheux, a série sonho-lapso-ato falho-witz... o tema do witz será a partir daí um tema insistente na reflexão de Pêcheux. (2)

A Língua Inatingível esboça o percurso de uma disciplina fendida a partir do núcleo do seu objeto, por questões impossíveis de se colocar; por retornos obstinados de obstáculos rejeitados; e, por retomadas de questões que nunca deixam de se apresentar. Pêcheux observa que não é casual o fato de que, na origem, a língua, o Estado, o direito, as ciências e a sexualidade sejam contemporâneos, e que a interrelação entre essas instâncias do existir social não pode ser denegada em uma ciência cujo objeto seja a língua:

Se objeto da Lingüística consiste no duplo fato de que existe língua e de que existem línguas, é necessário pensar no momento de sua divisão que, aliás, é a imagem de Babel: o mito apresenta a divisão das línguas coincidindo com o começo do estado, do direito, das ciências e do prazer sexual... A Lingüística, ciência da língua e das línguas, ciência da divisão sob a unidade, traria assim, inscrito em seu destino, o desejo irrealizável de curar a ferida narcísica aberta pelo conhecimento da divisão... (3)

Pêcheux acompanha o itinerário de Jean-Claude Milner em torno do real da língua; um real que não se esgota no código languageiro e nem na competência

enunciativa; e fundamenta a evidência de que não há língua que não se estruture sobre a possibilidade de uma poética. O que abre a língua ao lapso, ao humor, à ambigüidade e ao ato falho do sujeito da enunciação, quebrando, no interior da própria língua, a separação sentido/*non-sense*. Logo, abrindo-se à possibilidade de construção de sentido por meios que estão aquém e além da lógica do dizer: no discurso. Pêcheux se questiona se a divisão dos fenômenos linguageiros entre gramaticais e agramaticais não seria uma forma de reducionismo:

(...) uma abordagem da língua pela psicanálise (por exemplo, no sonho, lapso ou a psicose) obrigaria certamente a uma modificação desse ponto de vista. Será que a 'perturbação' que a língua pode sofrer passa apenas por processos passíveis de serem expressos em termos gramaticais ? (4)

Avaliando as perspectivas dos desvios no uso da língua, Pêcheux converge para as materialidades do sentido a partir do *non-sense*, tomando as descobertas freudianas no ato falho e no estudo do humor judaico como referências; destacando, contudo, o quanto as estruturas do inconsciente expostas pelos mecanismos do dizer e do fazer, presentes nas análises desenvolvidas por Freud, se distanciam do uso formal do humor pela Lingüística Americana. É em Freud que Pêcheux encontrará o riso esquecido na seriedade da disciplina lingüística. O humor é discurso, efeito de sentido entre sujeitos:

(...) o witz judeu e o humor anglo-saxão coincidem e acabam formando uma base epistemológica específica... é bem provável que esse encontro seja considerado, nos próximos anos, como uma identidade de natureza e torne-se um novo lugar comum do 'pensamento ocidental'..., fãremos, antecipadamente, grandes reservas.. o encontro.. é o lugar de uma contradição e não de uma simples fusão.

Marcamos essa contradição pela tensão que surge entre o joke e o witz, no desvio de duas brincadeiras:

- o joke é a resposta do camponês americano a seu pastor, no momento em que este último o convida a agradecer ao Senhor por lhe ter dado uma terra tão bela: 'Se o senhor tivesse visto o estado desta terra, quando Ele ma deu!...'

- o witz é a resposta do pequeno alfaiate judeu a seu cliente descontente por ter esperado durante seis anos a entrega de uma calça e observado que Deus só havia levado seis dias para criar o mundo: "sim, mas veja a calça e veja o mundo..." (5)

Pêcheux observa que, a despeito da semelhança estrutural e do efeito de sentido que produz o riso em ambas as estórias, existe uma relação entre linguagem e inconsciente presente nas duas estruturas por meio da identificação/interpelação do sujeito do discurso. Há, contudo, diferenciação na produção de sentido a partir do *non-sense*, do *joke* e do *witz*, numa relação entre ideologia dominante (o *joke*) e ideologia dominada (o *witz*). E é na relação da língua à história que Pêcheux irá buscar os efeitos do político sobre o simbólico:

Entre essas duas histórias, há também uma fronteira a atravessar, do otimismo operatório e demiúrgico da atividade humana transformando o mundo ao pessimismo lúcido daquele que sofre as vicissitudes como um destino histórico. Pelo jogo, o humor anglo-saxão traça fronteiras no domínio da língua, usa o absurdo como uma ferramenta domesticadora e pedagógica, para fazer surgir a necessidade deste mundo diante da de todos os outros mundos possíveis, para organizar essa necessidade e dominá-la...

A relação do humor judeu com o absurdo é diferente: não se entrega nunca à pura lógica, mas supõe um desvio pela história, a língua, o Texto. O witz é obcecado pela letra de um texto

*indefinidamente ambíguo, desprovido, na origem, dos limites da pontuação, e das marcas modalizadoras da afirmação e negação: um aquém da frase, nos conteúdos indeterminados...
... a questão política se revela na contradição: o humor judeu e o joke anglo-saxão têm em comum esta maneira bem particular (ao mesmo tempo cheia de respeito e de derrisão fôbica) de entrar em contato com a diferença, a exterioridade, a adversidade possível; mas a semelhança permanece aí. Além disso, há tudo o que separa uma ideologia dominada – pela qual a ‘normalidade’ que lhe é historicamente imposta é o absurdo que se deve aceitar tal qual para sobreviver [o gueto]- de uma ideologia dominante e expansionista, reforçando a sua normalidade pela demonstração de seu absurdo [o imperialismo]...(6)*

Trata-se, pois, de duas diferentes relações entre ideologia, língua e inconsciente, mediadas pela história.

É a partir da resistência da língua à significação que Orlandi retoma questões propostas por Pêcheux, acerca da significação a partir do *non-sense*, e as desenvolve numa criativa e produtiva reflexão sobre silêncio e sentido, e sobre esquecimento e identificação.

Orlandi desloca, no estudo do discurso, as noções de história, de político e de ideologia para o campo dos estudos da linguagem:

... o político corresponde aqui à divisão inexorável do sentido, cuja direção tem a ver com as injunções que derivam da forma da sociedade tomada na história de um mundo que funciona, entre outras coisas, pela significação...

... a ideologia refere o próprio fato de que a língua não é transparente e que há injunção à interpretação, contando para tal as condições de produção dos sentidos trabalhadas pelo equívoco...

... há um longo percurso entre o interdiscurso (memória discursiva) e o texto: ordem das palavras, repetições, relações de sentidos, paráfrases que diluem a linearidade mostrando que há outros discursos no discurso, que os limites são difusos, passando por mediações, por transformações, relação obrigatória ao imaginário...

... se pensarmos o silêncio, a pontuação faz parte da marcação do ritmo entre dizer e não-dizer.

... a pontuação abre sobre a interpretação remetendo a formulação à constituição, a atualização à memória, faça ao papel estruturante do esquecimento... (7)

Estabelecemos um recorte discursivo a partir das *Memórias de um Colono no Brasil (1850)*, de Thomas Davatz, imigrante suíço egresso às terras brasileiras na primeira metade do Século XIX, a fim de analisar o processo de constituição do sujeito em uma situação limite, na fronteira entre duas formações discursivas: a imigrante e a escravista.

Observamos que na situação considerada é possível avaliar um processo de constituição do sentido e da significação, em que aquele não se esgota nesta. Assim, podemos considerar que, nos limites móveis entre essas formações discursivas, o designativo colono não possui equivalente no designativo parceiro. Correspondendo o primeiro a uma relação ao imaginário e este a uma relação da ordem do real. Há uma carga afetiva positiva no primeiro e negativa no segundo, quando tomamos a formação discursiva imigrante, ou o inverso, se tomarmos como referência a formação discursiva escravista. E os sentidos do designativo imigrante jogam com o simbólico na relação do sujeito à identificação através da interpelação pelo Estado.

Referimos a noção de recorte a Orlandi, citada por Grigoletto (2002):

(...) Em análise do discurso, a operação de recortar um corpus discursivo opõe-se à operação de segmentar, própria da lingüística, e sua visão segmental da língua (por exemplo,

pode-se segmentar a frase em sujeito e predicado, sintagma nominal e verbal). O recorte, por sua vez, é do domínio do discurso, é uma unidade discursiva. Frente a um corpus, o analista vai recortar fragmentos da situação discursiva (em forma de seqüências discursivas) que dêem conta de revelar uma determinada configuração do discurso analisado. Os recortes não se apresentam na forma do linear e cronológico porque o discurso não se constrói dessa maneira. Se, pela sua relação constitutiva com outros discursos, os sentidos de um discurso não estão em um espaço fechado, os recortes tampouco podem obedecer aos critérios de fechamento, linearidade e cronologia. (8)

No interdiscurso, a memória da língua manteria a referência ao imaginário do colono, carregada de afetividade, marcando ainda com seus traços a imigração que se sucederia meio século após os episódios referido a Thomas Davatz, como atestam referências contemporâneas à imigração italiana:

O falar dialetal é um traço que aparece com expressividade e sonoridade em descendentes de origem italiana. Traço este que envolve padrões e valores provenientes da memória afetiva, marcada pelas estórias da emigração, e está ligada a perdas e rupturas que os ancestrais sofreram no processo da difícil trajetória da emigração; este processo é acrescido por imposições de poderes simbólicos de uma cultura, bem como da reconstrução de uma nova filiação e numa busca de um pai simbólico...(9)

A Resistência dos Corpos

Traduzir-se. Operação parafrástica de constituição do esquecimento ideológico; momento singular de ordenamento do mundo, em que o sujeito vive a ilusão da correspondência: linguagem-pensamento-realidade. O discurso enraíza-se na natureza:

(...) A quem, todavia, ignore que a zona do Brasil aqui tratada se acha sob o 22° de latitude sul, a quem nada saiba das condições que essa situação determina, dos aspectos singulares que fazer imprimir um quadro fiel da situação e das atribuições de resultam... (10)

Reconstroem-se os ciclos do tempo:

(...) ali é Verão quando estamos aqui em pleno Inverno, que o Outono brasileiro coincide com a nossa Primavera, que o Inverno nesse país não se caracteriza pela neve e nem pelo gelo, mas em geral por um tempo claro...(11)

Através de sucessivas aproximações e comparações, um universo de normalidade semântica é estabelecido e estabilizado:

A mandioca é plantada geralmente na vizinhança das habitações... o trabalho exigido para isso é muito semelhante ao da fabricação da goma de batatas, com a diferença que a pasta seca deve ser amassada muitas vezes com as mãos para se formar uma farinha fina em lugar de pequenos torrões. (12)

Construindo diferenças, situando-se, o sujeito-imigrante recria o mundo num movimento imaginário de avanço e retorno, com que caracteriza a escrita de si como memória. Evocando e elaborando a história de uma identidade, com observou Michel de Certeau:

Esta história. Um jogo da vida e da morte prossegue no calmo desdobramento de um relato, ressurgência e denegação da origem, desvelamento de um passado morto e resultado de uma prática presente. Ela reitera, num regime diferente, os mitos que se constroem sobre um assassinato ou a morte originária, e que fazem da linguagem o vestígio sempre remanescente de um começo tão impossível de reencontrar quanto de esquecer. (13)

Imerso num mundo de significantes, o sujeito desdobra-se no seu dizer; lugar de articulação entre inconsciente, linguagem e história, espaço de constituição do esquecimento referencial; “o sujeito enunciador se move... constitui seu enunciado, colocando as fronteiras entre o ‘dito’ e o rejeitado, o ‘não-dito’ ” (14), conforme observou a historiadora Denize Maldidier.

O sujeito estabelece relações de sinonímia e de equivalência, no processo de demarcação dos lugares de enunciação e de interdição:

(...) nesse lugar permanecemos quatro dias, sendo que nos dois primeiros quase inteiramente fechados a resto do mundo e nos outros com permissão para dar passeios pela cidade. Por esse tempo ainda ignorávamos o fim a que servira o local...(15)

A situação de confronto originada pela ressignificação necessária a ser conduzida pelo imigrante (no processo de estabelecimento de lugares válidos de enunciação), e a normalidade desejada pelo fazendeiro latifundiário (determinada pela necessidade de substituição do escravo), cria a condição de produção de um discurso em que os enunciados confrontam-se, a partir de formações discursivas antagônicas, com suas respectivas formas-sujeito. As palavras significam segundo se insiram numa ou noutra formação discursiva, na qual o sujeito significa a si e ao outro no fio do discurso. Pêcheux observa, acerca da tensão constituinte da memória discursiva, que não há uma perspectiva autônoma, que exclua no mesmo, o outro:

(...) uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularização ... um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos.

E o fato de que exista assim o outro interno em toda memória é, a meu ver, a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior, quer dizer, ao real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior. (16)

Observamos, através de enunciados em circulação no relato analisado, a presença de duas formações discursivas produzindo efeitos de significação e estabelecendo pontos de ancoragem à constituição da forma-sujeito correspondente. Chamemos formação discursiva imigrante às posições-sujeito que correspondem à negação da sujeição ao trabalho forçado e à não-identificação com os lugares de enunciação que corresponderiam ao escravo (FD1); e chamemos de formação discursiva escravista às posições-sujeito que buscam a construção de equivalência entre lugares de enunciação ocupados pelo imigrante e aqueles ocupados anteriormente por escravos ou sujeitos à ocupação pelos mesmos (FD2).

Os enunciados trabalham, na FD1, a constituição da identidade colona (a), e a produção de lugares de interdição ao sujeito dessa formação discursiva (b), (c):

a. ... conhecíamos-nos não tanto na qualidade de suíços, de alemães, de turíngios, de holstenianos, como sobretudo na de colonos oprimidos do Brasil...

b. ... o transporte é feito por negros que conduzem o café ...

c. ... se desprezássemos a primeira iniquidade a que os sujeitam, isto é, sua introdução e submissão forçada, se por outro lado admitíssemos a escravidão como condição justa, teríamos que considerar em grande parte merecidos os castigos que lhes impõem os seus senhores.

A formação discursiva escravista (FD2), dominante, produz enunciados cuja significação emerge no interior da formação discursiva imigrante (FD1), na forma da constituição da equivalência imigrante-escravo (d) e da equivalência imigrante-mercadoria (e):

d. Os próprios filhos de certo fazendeiro não hesitaram em apoiar essa convicção, dizendo que “os colonos eram os escravos brancos (de seu pai), e os pretos seus escravos negros...”

e. ... outro fazendeiro enunciou a mesma crença, quando declarou abertamente aos seus colonos: “Comprei-os ao Sr Vergueiro. Os senhores me pertencem...”

Os desdobramentos dessas tensões encontrarão lugar de expressão privilegiado nos confrontos cotidianos, acerca de pesos e medidas, e nas falas de uma língua em que o colono é falado, na qual não encontra formas de se fazer ouvir.

Há uma resistência à identificação que se faz presente nos lugares de uma memória-outra, que funciona como não-lugar, ou exterior, das memórias produzidas nas FD1 e FD2, a memória da escravidão (f):

f. ... no pátio e no prédio era costume outrora, ao que consta, encerrarem-se e venderem-se os escravos negros logo após sua chegada...

Ensaio de Orquestra

Três formas de designação encontram-se referidas nas *Memórias de um Colono no Brasil*, de Thomas Davatz, e a análise permite-nos aproximações às formas do discurso presentes na situação de tensão que caracteriza a emergência do sujeito. Posições de enunciação diferenciadas caracterizam cada uma das formas-sujeito da formação discursiva imigrante: o imigrante, o colono e o parceiro não são o mesmo sujeito do discurso.

Imigrante, colono e parceiro, ainda que possam ter como referente um mesmo indivíduo, possuem suportes materiais diferenciados, quando consideramos os mecanismos linguageiros que se estabelecem no uso de cada termo, havendo relações de identificação diferentes associadas a cada um deles.

A relação de identificação que produz o imigrante é um efeito de sentido que tem por suporte o Estado, e refere-se ao deslocamento de populações entre territórios de diferentes Estados. Trata-se de uma identificação, tanto quanto possível, provisória (como o é a condição do sujeito dessa identificação).

O colonato dá conta de uma relação ao imaginário, em que a carga de projeções afetivas condiciona o conjunto de expectativas com que um sujeito se identifica. O colono existe enquanto futuro.

A parceria é lugar das tensões diárias, representa a dureza dos contratos, das medidas desiguais, das taxas infundadas e inexatas, das dificuldades. Trata-se de uma identificação construída sobre a realidade das condições de trabalho. O parceiro é o sujeito de uma resistência.

Em seu relato, Davatz movimenta-se e produz deslocamentos. Seu dizer é marcado por sucessivas identificações e contra-identificações, num percurso em que “unicidade e homogeneidade ficam fortemente relativizadas...”, a cada tomada de posição, pois o sujeito do discurso relaciona-se com a formação discursiva através de uma forma-sujeito determinada. É Davatz, o colono, quem testemunha e expressa fragmentos do imaginário da imigração(g), (h):

g. ...um sentimento de honra mal compreendido, mas muito freqüente, leva também certas pessoas a deixar de escrever muitas verdades...

h. ...em algumas pessoas, um fundo de ressentimento, que estimula a dizer maravilhas sobre as condições do país. Desejam dar uma resposta esmagadora a certas autoridades locais e a quem quer que tivesse feito prognósticos maus sobre as colônias...

Urgia uma manifestação pública de despreço aos interesses de Vergueiro e Cia. Quebrar a rotina que a normalidade impunha e lançar dúvida sobre a aparentemente ordeira comunidade de parceria. Desfazer o encanto das expectativas geradas pelo deslumbramento (i):

i. ...eu próprio vi como um grupo de colonos foi acolhido com banda de música e acompanhado alegremente até à colônia...

Em meio a ameaças e desentendimentos, colonos e proprietários confrontam-se de maneira inusitada e o que era oculto torna-se evidente (j):

j. ... um grande número de cantadores e a maior parte dos músicos não compareceu, mesmo nos casos em que foram quase forçados a fazê-lo...

Um acontecimento inscrevendo-se em uma rede de memórias e de silêncios, abrindo-se à interpretação:

...apenas tínhamos dado uns passos e surgiram à nossa frente três suíços. Atrás desses vinham outros e por fim quase todos os colonos suíços e turingios inclusive diversas mulheres, em sua maioria armadas de cacetetes, fôices, ancinhos, pistolas, espingardas, pedaços de pau, todos enfurecidos e prontos para arrasar a fazenda e exercer terrível vingança sobre os patrões. Tudo porque alguns ouviram dizer que eu ia ser preso na fazenda ou que me tinham apontado ao peito uma pistola, ou que O pedido de socorro levado pelo menino à colônia circulou de boca em boca com a rapidez de um raio. E aqueles boatos não se fizeram esperar naturalmente. 'ele nem ao menos merece que lhe metam uma bala no crânio...!' Se tais palavras foram efetivamente pronunciadas, não se perderam no ar. E o pessoal convenceu-se de que tinha de me salvar a todo transe... (17)

Constrói-se, sob tensão e medo, o discurso de sujeição à identidade do colono:

Os colonos abaixo assinados vêm, por meio desta, afirmar que sua situação está bem longe de ser tão excelente e vantajosa quanto o prometiam as notícias divulgadas aqui e na Europa, que vivem sujeitos a arbitrariedades de toda ordem e que sua situação é em summa antes de lamentar do que de causar inveja... (18)

A sombra de uma dúvida espraia-se entre os cafezais de Ibicaba. Um grande medo conjura forças num movimento de contra-identificação:

...Sr Conselheiro o caso urge, e urge muito, o plano infernal q' VEx^a pode entrever na copia anexa existe, e tem raízes ... clubs estabelecidos por conselhos desse célebre Oswald (de São Paulo) e postos em prática por um Dawatz (mestre-escola) na nossa colônia ... elles levantar-se-hão, appellarão para as armas. E assenhorear-se-hão de toda a Província ... seria demasiado longo se expusesse a VEx^a todo o estado precário em q' nos achamos, não só neste districto de Limeira, como no do rio Claro, Constituição e Campinas, vista a liga formada em todas as colônias, além dos agentes q' elles têm nas villas e são intermediários entre Oswald em S. Paulo e os diversos Clubs estabelecidos. – Observo mais a VEx^a q' o distrito de Campinas dista desta poucas léguas, e nella q' o numero de escravos exceda a vinte mil, e estes por várias vezes já têm tentado hum movimento qualquer ... (19)

As Cores Proibidas

Analisando as relações do sujeito com a formação discursiva que lhe dá suporte, Freda Indusky (2000) observa que as modalidades de tomada de posição, introduzidas por Pêcheux (identificação, desidentificação, contra-identificação), relativizam a unidade e homogeneidade do sujeito do discurso:

...a forma-sujeito não pode mais ser concebida apenas como um bloco uniforme e homogêneo... não há mais espaço apenas para a plena identificação com a forma-sujeito... o trabalho na e sobre a forma-sujeito, decorrente da contra-identificação, resulta na retomada de posições não-coincidentes, divergentes, discordantes...(20)

A autora observa que o trabalho decorrente das tomadas de posição pelo sujeito, em sua relação com a forma-sujeito que organiza os saberes da referida formação discursiva, oscilam entre a identificação e a contra-identificação, até o limite da relação de assujeitamento a uma formação discursiva considerada, através da desidentificação:

... Esse segundo trabalho discursivo conduz o sujeito do discurso não mais apenas a divergir dos saberes de sua formação discursiva. Nesse passo, o sujeito vai além. Ao desidentificar-se, ele rompe com a formação discursiva em que se inscreve... o trabalho na e sobre a forma-sujeito conduz o sujeito do discurso a desidentificar-se com uma formação discursiva e sua forma-sujeito, para identificar-se com outra formação discursiva e sua respectiva forma-sujeito. Ou seja, não se trata de uma simples e pura dessubjetivação, a partir da qual o sujeito torna-se livre... (21)

Esse movimento do sujeito no interior de uma formação discursiva escapa à percepção do sujeito do discurso, só podendo ser reconstruído, imaginariamente, pela análise:

Se, inicialmente, ao identificar-se com a formação discursiva, o sujeito do discurso o fazia diretamente com a forma-sujeito que a organizava, agora precisa identificar-se com a forma-sujeito pelo viés de uma posição-sujeito inscrita em uma formação discursiva, pois cada posição-sujeito representa diferentes modo de se relacionar com a forma-sujeito. Modos esses que vão de pequenas diferenças até grandes desigualdades, que marcam 'o primado do outro sobre o mesmo', colocando em sena o discurso-outro imbricado ao discurso do sujeito... É preciso levar, igualmente, em conta que a forma-sujeito, ao fragmentar-se, só pode ser percebida em sua totalidade pelo analista... (22)

O efeito de sentido produzido pela leitura das *Memórias*, de Davatz, instaura-se por meio de uma posição imaginária: o leitor. É nessa posição que se produz o apagamento dos traços constitutivos da identidade do Autor, e se institui a identificação do leitor ao Autor. É na relação ao silêncio do discurso que se pode, analiticamente, reencontrar o Autor no seu dizer. Cumpre destacar, com Orlandi, a natureza do silêncio discursivo:

...não é do silêncio em sua qualidade física de que falamos aqui mas do silêncio como sentido, como história (silêncio humano), como matéria significativa... o silêncio não é o vazio, o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa. Isto nos leva à compreensão do 'vazio' da linguagem como um horizonte e não como falta. (23)

Imerso no silêncio, o sujeito corta-o com seu dizer, para vê-lo reinstalado na linguagem:

...há injunção dos sujeitos da linguagem em estar nos sentidos, sejam estes 'feitos' de palavras ou de silêncio... a linguagem é passagem incessante das palavras ao silêncio e do silêncio às palavras... o sentido não tem origem (P. Henry 1988): não há senão estados contínuos de significação. O antes, o estado anterior não é o 'nada' mas ainda sentidos... o silêncio é contínuo e há sempre ainda sentidos a dizer. (24)

Davatz, mestre-escola e colono, encontra num primeiro momento um ponto de ancoragem a sua identificação no discurso de igualdade jurídico-política, que o institui representante legal dos imigrantes em movimento entre os Estados suíço e brasileiro:

O Snr mestre-escola Thomaz Davatz, de Fanas, Cantão dos Grisões, em vésperas de embarcar para o Brasil, recebe pela presente, da comissão directora do Conselho Municipal, o encargo de organizar um relatório tanto quanto possível exacto, circunstanciado e escrupuloso a respeito das questões daquele paiz remetendo-o pelas vias adequadas ao mesmo Conselho... (25)

Posição a partir da qual o sujeito estabelece relação de equivalência com a posição ocupada pelos proprietários e de equidistância com os demais colonos:

... Em companhia de numerosos outros imigrantes embarquei na Primavera de 1855 para essa terra... (26)

O contato com a realidade dura da sujeição do colono instaura a contra-identificação, e o dizer que identifica Davatz não comporta o “nós” inclusivo, mas uma nomeação despersonalizada ; “eles”, os colonos (g), (h):

g. ... os colonos que emigraram, recebendo dinheiro adiantado, tornaram-se, desde o começo, uma simples propriedade de Vergueiro & Cia...

h. ... Nada impede que amanhã os filhos dos colonos imigrados da Europa sejam tratados como os pretos, nem mais nem menos, se desaparecerem seus pais de um momento para o outro...

O momento da deportação funciona como fator gerador da desidentificação (i):

i. ... ao separar-me dessa gente, numa despedida penosa sob muitos aspectos, prometi-lhes firmemente que fãria o possível, sobretudo chegando à Pátria, para que ao cabo fôssem libertados...

Deslocando-se entre dois Estados, e novamente submetido à condição de imigrante, Davatz busca desvincular sua imagem da associação à figura do imaginário da revolução, temido numa Europa fragmentada (j), (k):

j. Muitos leitores hão de ter concluído do noticiário da imprensa que os colonos de Vergueiro, ao saberem-se espoliados, iniciaram uma revolução... para corrigir desde já essa crença infundada devo e quero declarar, com toda a sinceridade, que o pensamento de uma revolução era profundamente antipático aos dirigentes do movimento reivindicador dos colonos, a min sobretudo...

k. ...Eu já era por princípio inimigo das revoluções e particularmente no Brasil.

Buscava situar-se em relação às reverberações de discurso-outro, originado nos enunciados da formação discursiva escravista, em circulação entre os Estados:

...os planos q' se têm podido coligir dos dictos do mestre escola e dos seus adherentes é estronozo e impossível de levar a effeito, mas a tentativa pode produzir grandes males. Dizem q' podem reunir todos os suíços, todos os colonos allemães e grande parte dos escravos cuja sorte é peor q' a delles, e também alguns Brasileiros descontentes, esperando pôr em armas 5.000 combatentes com q' podem senhorear-se desta Província, e q' depois republicanizarão o Brazil ! (27)

Encontramo-nos no interior do efeito de leitura quando observamos que Davatz, escrevendo em Ibicaba, interior de São Paulo, fazenda do Senador e ex-Regente do Império Nicolau de Campos Vergueiro, em 1850, produz um efeito de distanciamento ao situar-se como um imaginário leitor europeu do futuro:

...Fato notório que desde há alguns anos a questão da emigração entrou na ordem do dia e transformou-se em um problema vital para as populações pobres de muito país europeu... Muitos ousaram dar o passo decisivo, buscando melhores dias em terras distantes, ultramarinas. E o resultado é que aquela opinião tão generalizada, por justificável que fosse até certo ponto, acabou esvaindo-se como um sonho.(28)

Davatz não rememora, ele constrói memória.

Notas

1. Maldidier, Denise. *A Inquietação do Discurso - (Re)ler Michel Pêcheux Hoje*, p.69.
2. Maldidier, Denise. *A Inquietação do Discurso - (Re)ler Michel Pêcheux Hoje*, Ibidem, pp.69-70.
3. Pêcheux, Michel & Gadet, Françoise. *A Língua Inatingível: o Discurso na História da Lingüística*, p.19.
4. Pêcheux, Michel & Gadet, Françoise. Ibidem, cit. p.161.
5. Pêcheux, Michel & Gadet, Françoise. Ibidem, cit. p.195.
6. Pêcheux, Michel & Gadet, Françoise. Ibidem, cit. p.195-196.
7. Orlandi, Eni Puccinelli. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentido*, pp.110-112.
8. Grigoletto, Marisa. *A Resistência das Palavras: Discurso e Colonização Britânica na Índia*, p.65.
9. Callegari, Anna Irmã. *Tropeçando no Dialeto* In Medeiros da Costa, Ana Maria & Chemama, Roland. *Imigração e Fundações*, p.133.
10. Davatz, Thomas. *Memórias de um Colono no Brasil (1850)*, p.53.
11. Maldidier, Denise. *A Inquietação do Discurso - (Re)ler Michel Pêcheux Hoje*.
12. Davatz, Thomas. *Cit.* p.52-53.
13. De Certeau, Michel. *A Escrita da História*, p.57.
14. Maldidier, Denise. *A Inquietação do Discurso - (Re)ler Michel Pêcheux Hoje*, p.42.
15. Davatz, Thomas. *Cit.* p.89.
16. Pêcheux, Michel In Achard, Pierre & alli. *Papel da Memória*, p.56.
17. Davatz, Thomas. *Cit.* pp.193-194.
18. Davatz, Thomas. Ibidem. *Cit.* p.264.
19. Idem. *Carta de José Vergueiro ao Conselheiro Nabuco de Araújo*. In Davatz, Thomas. *Cit.* p.284.
20. Indursky, Freda. *A fragmentação do Sujeito em Análise do Discurso* In Indursky, Freda e Campos, Maria do Carmo (Org). *Discurso, Memória, Identidade*, p.73.
21. Idem, Ibidem.
22. Idem, Ibidem, p. 77.
23. Orlandi, Eni Puccinelli. *As Formas do Silêncio: no Movimento dos Sentidos*. p.90.
24. Idem, Ibidem, pp. 72-73.
25. Davatz, Thomas. *Cit.* p.260.
26. Davatz, Thomas. Ibidem. *Cit.* p. 48.
27. Idem. *Carta do Senador Nicolau de Campos Vergueiro ao Conselheiro Nabuco de Araújo* In Davatz, Thomas. *Cit.*, p.289.
28. Davatz, Thomas. Ibidem. *Cit.* p. 47.

Referência Bibliográfica

Achard, Pierre & alli. *Papel da Memória*. Campinas, Pontes, 1999. Tradução e introdução de José Horta Nunes.

De Certeau, Michel. *A Escrita da História*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; Revisão técnica Arno Vogel .

Davatz, Thomas. *Memórias de um Colono no Brasil (1850)*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1980. Tradução, prefácio e notas de Sérgio Buarque de Holanda.

Grigoletto, Marisa. *A Resistência das Palavras: Discurso e Colonização Britânica na Índia*. Campinas, Editora da Unicamp, 2002.

Indursky, Freda. *A fragmentação do Sujeito em Análise do Discurso* In Indursky, Freda e Campos, Maria do Carmo (Org). *Discurso, Memória, Identidade*. Porto Alegre, Editora Sagra Luzzatto, 2000, pp. 70-81.

Maldidier, Denise. *A Inquietação do Discurso - (Re)ler Michel Pêcheux Hoje*. Campinas, Pontes, 2003. Tradução de Eni P. Orlandi.

Medeiros da Costa, Ana Maria & Chemama, Roland. *Imigração e Fundações*. Porto Alegre, Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Artes e Ofícios, 2000. Coleção Letra Psicanalítica.

Orlandi, Eni Puccinelli. *As Formas do Silêncio: no Movimento dos Sentidos*. 5ª ed., São Paulo, Editora da Unicamp, 2002.

_____. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas, Pontes, 2001.

Pêcheux, Michel & Gadet, Françoise. *A Língua Inatingível: o Discurso na História da Lingüística*. Campinas, Pontes, 2004. Tradução Bethânia Mariani & Maria Elizabeth Chaves de Mello.